



M.^{LES} MARIA MATILDE e MARIA ELVIRA, filhas do sr. dr. Antonio Macieira

(Clichê do distinto amador Antonio Mota).

II série — N.º 519

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 31 de Janeiro de 1916

Assinatura para Portugal, *Trimestre* 1\$20 ctv.
 colonias portuguesas *Semestre* 2\$40 ..
 e Hespanha: *Ano* 4\$80 ..
 Numero avulso, 10 centavos

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRÇA, Ltd.
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES



REMINGTON UMC

Armas E Cartuchos Remington-UMC

"Os cartuchos UMC trazem-me grãtas lembranças da minha mocidade. Os *ligittimos* "U" como nos os chamamos aqui por estas regiões, foram os favoritos do meu pai e tem sido a parte inseparavel da vida de meus filhos. Companheiros fiéis em todos as nossas caçadas, e tem contribuido generosamente para o sustento da nossa familia. Conhecem-se ha cincuenta annos e já se adaptam a todas as marcas e calibres de armas de fogo.

Fabrica dos pela Companhia constructora das armas afamadas por todo o mundo ha mais de un seculo, e agora representada pelos novos rifles e cartuchos REMINGTON. As armas e cartuchos REMINGTON-UMC formam uma combinação ideal para tiro ao alvo, passios pelo campo, ou caçadas pelos bosques. Tem sido os factores indispensáveis, na minha familia, porque desde a minha infancia tem estes facilitado o *Pão Nosso de Cada Dia*.

As armas e cartuchos REMINGTON-UMC encontram-se á venda nas casas principaes em todas as partes.

Enviamos gratis, circulares descriptivas, catalogos e cartazes a côres a quem os solicitar.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Co.
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil LEE & VILLELA Caixa Postal 420, São Paulo.	No Territorio do Amazonas OTTO KUHLEN Caixa Postal 20 A. Manaus
--	---

Caixa Postal 133, Rio de Janeiro



Mizella
O MELHOR SABONETE

TELEPH. N.º 2638

PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO

Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME Brouillard



Diz o passado e o presente e o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis. 2\$500 e 5\$000 réis.

ente em Fertuga: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa.

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; reumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & Co., Succes.,**
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.

Ler ás quintas-feiras o

"Seculo Comico"

PREÇO: 1 centavo

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

¿Te cai o cabelo?

Não poquentar-se

Escreve hoje mesmo um simples postal á **Penteadora «la Madrileña»** e gratis te informará d uma maravilha para evitar e curar com certeza absoluta todas as doenças do cabelo e a pele. Rua Diario de Noticias, 61, rjc.

FOTOGRAFIA

Renlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEFONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR



DURYEA

Especialmente em epocha de calor deve-se ter "Maizena" sempre á mão. Com ella podereis facilmente addicionar á vossa lista de cousas alimenticias muitos pratos exquisitos e delicados, e ao mesmo tempo leves e perfeitamente digeriveis.

GELADO

Meio quartilho de leite, duas gēmas d'ovos, seis onças d'assucar, uma colher de "Maizena." Mexa-se até ficar basto e, quando estiver frio, deite-se um quartilho de nata batida e duas gēmas bem batidas. Deite-se assucar e essencia e ponha-se a gelar.

NATIONAL STARCH COMPANY New York, E. U.

Á venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz



Ilustração Portuguesa

CRONICA

N.º 519

31-1-1916



Os mortos de 31 de janeiro

Vinte e cinco anos passaram já desde a fria manhã de janeiro em que um punhado de valentes morreu pelo triunfo da sua idéa. Contou-me alguém como eles subiam alucinados, a peito descoberto pela ladeira da rua de Santo Antonio e a um e um eram varados pelas balas da guarda entrincheirada nas grades da igreja de Santo Ildefonso; também me contou a muda angustia d'aque-



Janeiro 1891

les que a morte não acolheu, o fulgurante desespero dos que quizeram morrer. E embora tivessem já passado vinte e cinco anos, a sua voz tremia ligeiramente. Encarei-o. Não era republicano, não era monarquico, mas percebi que era uma nobre e generosa alma, trasbordando de piedade e de admiração pelos que sabem morrer por uma Causa. Recordou então os pobres corpos esparsos aqui e além, pela calçada, falou do sangue portuguez que corria por um ideal de Justiça e de Liberdade. Gente humilde, gente anônima, d'olhos faiscantes, de coração incendiado, moribundos que queriam ainda subir, lutar... Ali estão agora n'aquela placido cemiterio do Porto, unidos na eternidade como unidos na morte foram. Valentes? Decerto. Heroes? Sem duvida. Respeitados? Incontestavelmente; morreram bem!



Janeiro 1916

Ainda o Pápa

Sua Santidade que depois das suas cartas aos bispos da Italia, exalou, aflita, o seu desgosto pela maldade dos homens, decretando, por essa mesma epoca, a neutralidade de Deus,—acaba agora de quebrar seu mutismo e largamente falou com o padre belga Henusse, declarando-lhe muito positivamente que a Belgica tem direito a todas as reparações e que qualquer paz agenciada ou ajudada pelo vigario de Cristo terá, antes de mais nada, como condição «sine qua non», a sua independencia. Aqui está o Santo Padre preparando, com estas faceis e consoladoras palavras, uma nova série de noites de insonia, o esfalimento dos seus secretarios e o «vêto» sistemático e constante da cõrte d'Austria ás suas decisões. Já do outro lado do Rheno ha murmurios. Todo o furor que o



Pápa provocou ha mezes na Italia, pela sua attitude indecisa, renasceu agora com a mesma violencia — mas no Vaterland. Mudaram os tempos e os logares mas a hostilidade permanece; mal com uns por amor dos outros, mal com os outros por amor de uns. Situação difficil. Já a conspicua Revista d'Artes e Ciencias declara com azedume que o Pápa não será Xisto Quinto, nem mesmo Hildebrando. E' possível. Mas podia ser Pacheco (Joaquim José d'Alves), se, como Pacheco, se casasse.

Régis de Oliveira

O dr. Régis de Oliveira, um dos mais brilhantes diplomatas brasileiros, uma bela figura de ministro, com o gesto sobrio, a sobrecasaca impecavel, desaparece, agora, de uma forma tão fulgurante como fulgurante foi a sua bem cheia vida. Adido, secretario, ministro em quasi todas as capitães da Europa, durante cincoenta anos levou a toda a parte, com desusado merito, o nome do Brazil. Estava no apogeu da sua carreira. Toda a ambição lhe fõra satisfeita, toda a honra lhe fõra concedida. Era, realmente, um homem superior. Os seus contemporaneos o provaram, o seu governo o reconheceu. Tinha agora o posto supremo. E, como se mais nada quizesse da vida, lento e tranquilo desce uma rua de Lisboa, tem um deslumbramento ligeiro, passa a mão convulsivamente pela testa, balbucia duas palavras... — «et voilà». Perdem os brasileiros um grande chefe, perdem os portuguezes um grande amigo.

Teatro

Seria interessante notar a «poussée» lenta e, por emquanto, quasi impercível que nestes ultimos anos parece querer transformar o «facies» do teatro moderno. Já Augusto de Castro, entre nós, a notou. Não é, decerto, um retorno ao teatro romantico decalcado na geração literaria de Luiz Filipe, embora ele surja aqui e além, timidamente, em pequenos exitos parciais e efemeros, mas tende, sem duvida, para um mais largo e mais nobre campo d'ação, desembaraçando-se das psicologias de um sentimento restrito e subjetivo que nem sequer tem o merito de ter sido inventado pelos homens. «Ha vinte anos que a França nos dá um teatro de exportação imoral e sujo» — diz André Joussain no seu livro «Romantisme et Réligion.» E o proprio Sarcey, tão distante já, exclama: — «Nous en avons assez du même amant, de la même femme et du même cocu!»



MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).



Desde criança, botão mimoso de rosa que desabrocha, ela dera mostras de que qualquer mistério suave aureolava de fulgores a sua cabeça e tocava de luz arcan-gelica os seus olhos meigos de doce e ingenua pegureira. Mocinha ainda, quando a adolescência é como um fruto que os prenuncios da maturação pintam de coloridos vagos, Guiomar parecera fadada para qualquer missão de que só os eleitos e os bons fruem o privilégio. Havia na sua fronte os reflexos duma alma de escolha. Nos proprios folguedos de criança notavam-se-lhe predileções in-vulgares, só próprias das criaturas que Deus prefere na sua escolha.

Pastora e filha de pastores, ela passára os dias da infancia entre os rebanhos que de fraga em fraga corriam as encostas e montados e as iluminadas festas de igreja que eram a regalia consoladora da sua alma religiosa. Bem cedo, por isso, entre a gente rude do lugar, a sua fama de santidade principiára a ser apontada. Segredava-se, nos serões e nas la-reiras, que ela, a moreninha Guiomar, algum condão possuía que vinha dos céus. Citavam-se, como exemplos de precocidade miraculosa, dizeres e factos que eram o pasmo dos crentes.

Notadamente, ao dobar dos doze anos, quando a vida é ainda uma alvorada que desperta, um caso com ela ocorrera, que fôra considerado como um «espelho» da Providencia. Guiomar, num ano adusto, numa sa-zão em que os campos se abraçam calcinados pela cançula, tivera uma visão maravilhosa. Estava então nos montes e guiava de chapada em chapada as suas ovelhas. Era aquela a hora matutina em que o sol se alevanta por detraz das ultimas serranias nimbadadas de azul, e ascende, como um rei vitorioso, cheio de brilhos fulgurantes, diademado de joias. Guiomar,

tomada de assombro, contemplava em-bebecida aquela maravilha portentosa, sentia na alma extremecimentos de prazer indizivel, louvava Deus na sua criação augusta.

De golpe, porém, avergaram-se-lhe os joelhos sob um peso desconhecido. Os labios agitaram-se-lhe; veiu-lhe uma ancia imena a de rezar. Sentia que uma incognita força a dominava, e immobilisou-se, de mãos postas erguidas para o céu. E viu então, nitidamente viu, um espectáculo estranho, de magnificencia incomparavel. Era um quadro aureolado do resplendor de todas as auroras, chamejante de gemas e aurifulgente, desenrolando-se em todo o horizonte para as bandas do mar, deramando-se pelas alturas, diluindo a massa dos montes, velando de reverberações os vales e as campinas.

Era uma apoteóse divina. Era, por certo, uma glorificação da graça celestial. Guiomar descobria agora, em meio da fotosféra radiosa, a ascensão triunfal de Jesus. Coros de anjos, legiões de serafins alados, enchem o firmamento como poeira de estrelas, astros de neve e luz. Na esteira do Mestre espalhava-se uma farinha diamantina que fulgurava como o cintilar do orvalho aos primeiros beijos do sol da manhã. Musicas divinas, sons de harpas e citoras, cordas de ouro tangidas pelos dedos dos anjos, gorgeios de aves — qualquer coisa que gemia como a toada dos ventos e resoava de mansinho como a múmura agua das fontes — enchia os espaços de sonoridade e de vibração.

Os céus aureolavam-se de chromatismos e de cambiantes. A luz tinha reverberações de meiguice incomparavel. Era cantante como um hino, fosforada como um rosiclér, amorosa como um beijo. Os exercitos celestes que escoltavam Jesus, tinham a beleza e a graça que ele só empresta áqueles que elege para o seu seio.

Mas o que mais extasiava Guiomar, o que dava ao quadro a suprema magestade e a mais alta grandeza, era a figura extraordinária do Nazareno, subindo lento e lento nas alturas, vestido de branco como um astro, palpitante como uma joia incomparável. A sua face tinha alvuras diamantinas, as suas mãos e os

De regresso ao povoado, num dia em que os crentes celebravam a festa da Virgem, quando os altares se enfeitavam de palmas e rosas, os sinos repicavam, e bailavam pelo ar



seus pés eram soes que fulgiam, os seus olhos estrelas como a estrela da manhã. Das feridas do último sacrificio, o sangue borbulhava-lhe em gotas que caíam no espaço como lágrimas de fogo, rubis incandescentes, onde ardia toda a alma do Rabbi divino da Galileia.

—Deus! Meu Deus! Louvado sejaes, assim na terra como nos ceus!

as andorinhas e os perfumes da giesta e da madre silva, Guiomar contou na igreja, ante a multidão extatica, o prodigio estranho, a sua

visão divina. As suas palavras, impregnadas de poder sugestivo e de brilho, tinham uma unção celeste. Os seus olhos iluminavam-se de claridade mística. Por tal modo narrou, tanto a sua mocidade terra se encheu de austeridade e de certeza convincente, que os fieis, prosternados e movidos de comoção, imediatamente acreditaram a maravilha.

—E' santa! é santa!—exclamavam, no meio da sua anciedade.

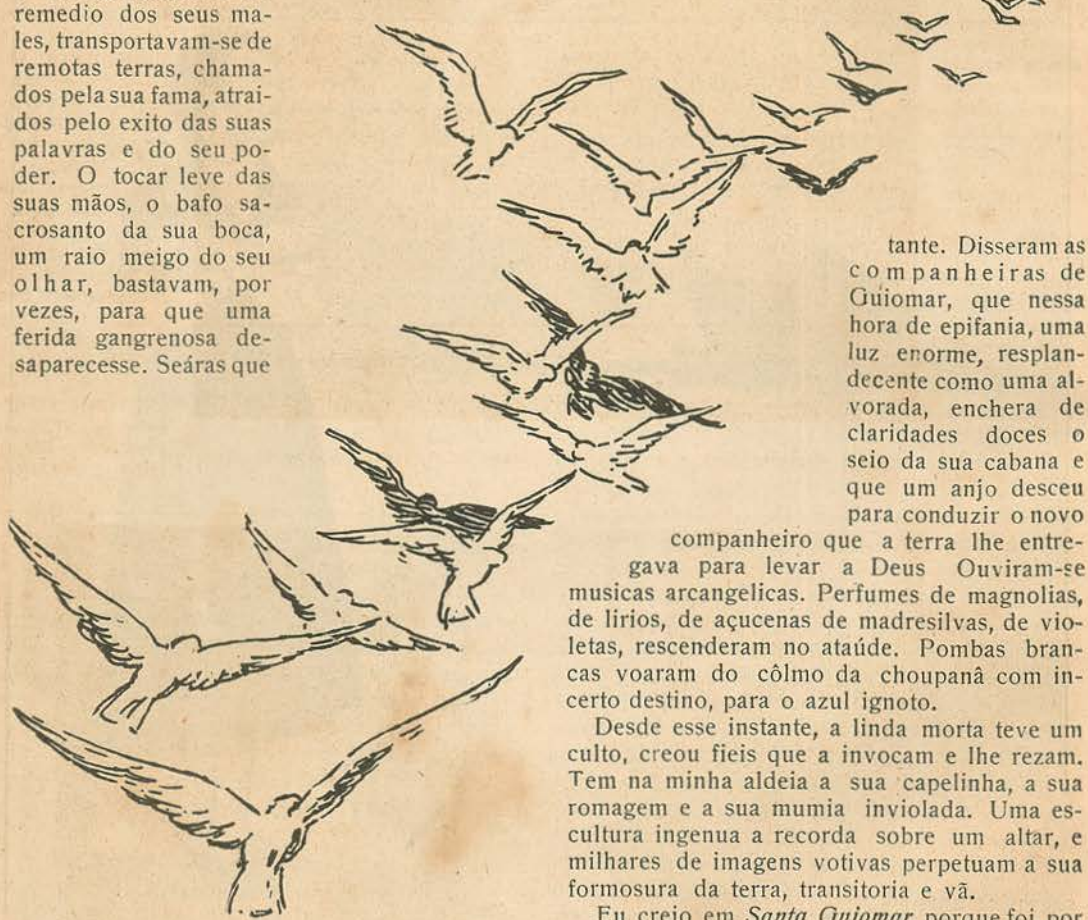
E á portia, no tumulto alucinante da fé, em tropel se arremessavam para tocarem Guiomar e beijar-lhe os vestidos.

A nomeada da boeira, em breve alastrou e se amplificou em redor, como a duma predestinada, uma eleita do Senhor. Chagosos e enfermos sem mais cura, cegos de nascença e paralíticos encanecidos e desesperançados do remedio dos seus males, transportavam-se de remotas terras, chamados pela sua fama, atraídos pelo exito das suas palavras e do seu poder. O tocar leve das suas mãos, o bafo sacrosanto da sua boca, um raio meigo do seu olhar, bastavam, por vezes, para que uma ferida gangrenosa desaparecesse. Seáras que

dízimava—obtinham da interferencia de Guiomar carinho e benevolencia.

—E' santa! é santa!—propalára-se de terra em terra.

Tinha vinte anos agora. Era uma flôr de graça que Deus cultivára no seu coração, quando certa tarde outonal, no momento em que as folhas já voam das arvores, e os horisontes montesinhos se toucam com os primeiros gelos, uma tosse pequenina a tomou e a morte a levou consigo. Um estranho prodigio se produziu nesse ins-



o sol requeimára, vinhedos que a doença reduzira a cinzas, gados e rebanhos que o mal

tante. Disseram as companheiras de Guiomar, que nessa hora de epifania, uma luz enorme, resplandecente como uma alvorada, encheu de claridades doces o seio da sua cabana e que um anjo desceu para conduzir o novo

companheiro que a terra lhe entregava para levar a Deus. Ouviram-se musicas arcangelicas. Perfumes de magnolias, de lirios, de açucenas de madresilvas, de violetas, rescenderam no ataúde. Pombas brancas voaram do cólmo da choupanã com incerto destino, para o azul ignoto.

Desde esse instante, a linda morta teve um culto, creou fieis que a invocam e lhe rezam. Tem na minha aldeia a sua capelinha, a sua romagem e a sua mumia inviolada. Uma es-cultura ingenua a recorda sobre um altar, e milhares de imagens votivas perpetuam a sua formosura da terra, transitoria e vã.

Eu creio em *Santa Guiomar*, porque foi por intercessão miraculosa da doce pegureira, que alcancei o suave amor da mulher que amo...

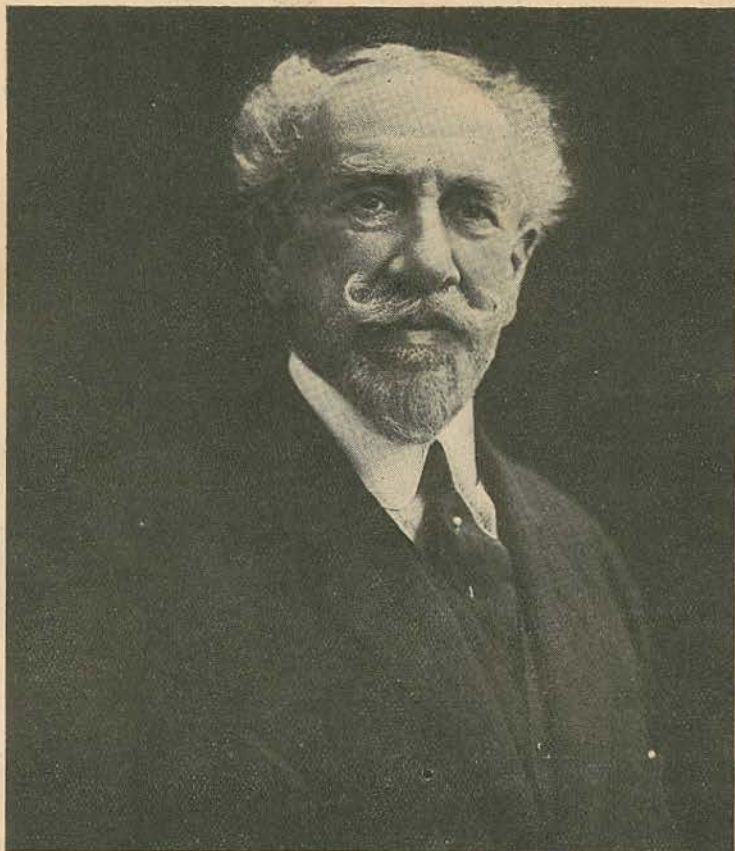
EURICO DE SEABRA.

DR. REGIS DE OLIVEIRA

Acometido por uma congestão pulmonar, faleceu o sr. dr. Regis de Oliveira, ilustre embaixador do Brazil em Portugal, onde tinha inumeras sympathias pelas suas brilhantissimas qualidades pessoais, por ser um caracter honestissimo e afavel, e ainda por ser o representante de uma nação irmã, que tanto honra a raça latina.

O acontecimento causou a mais profunda desolação não só entre a colonia brasileira de Lisboa, como no corpo diplomatico de que o finado era um dos mais estimados ornamentos.

Logo que a noticia foi conhecida, o sr. presidente da Republica mandou á embaixada o seu secretario particular expressar o sentimento de pesar, indo no dia

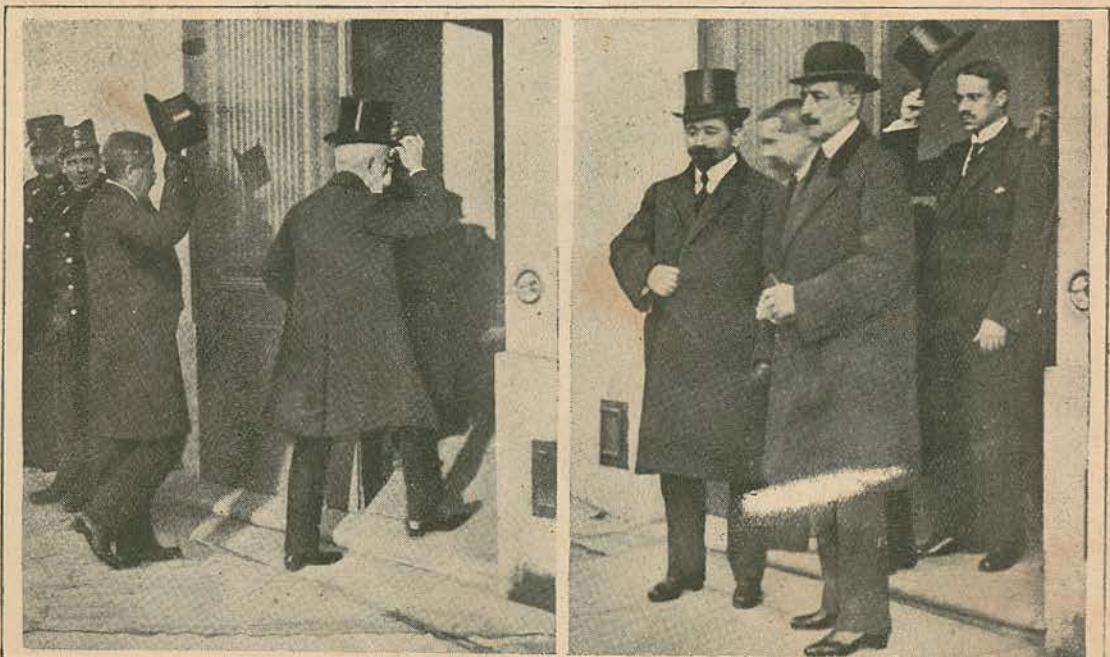


O sr. dr. Regis de Oliveira, embaixador do Brazil em Portugal — (Cliché Vasques)

seguinte, com o sr. dr. Afonso Costa, presidente do governo, e outros membros do gabinete, apresentar pessoalmente as condolencias á viuva e filhos do sr. dr. Regis de Oliveira.

O funeral revestiu uma importancia excepcional. Ha muito que Lisboa não assistiu tão comovidamente á passagem de um cortejo funebre. Toda a guarnição de Lisboa foi prestar homenagem ao ilustre morto, incorporando-se no cortejo o corpo diplomatico acreditado no nosso paiz, deputações das camaras, funcionarios publicos e muitas associações de classe que se fizeram representar por grande numero de delegados.

O sr. dr. Francisco Regis de Oliveira era o decano do corpo diplomatico brasileiro, entrando



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, entrando na embaixada brasileira

O sr. dr. Afonso Costa, chefe do governo, saindo da embaixada



A' porta da embaixada: Colocando o caixão no armão



O funeral desfilando da rua Ant6nio Maria Cardoso para a rua Garrett; o arm6o com o feretro



Coche das coroas descendo a Rua Garrett

para a diplomacia como adido de 1.^a classe para a republica da Bolívia e um ano depois era removido para a Austria Hungria. Em 1881 foi secretario da legação da Alemanha, voltando em 1888 á Austria já como plenipotenciario, indo depois para a Grã-Bretanha em 1905 e para a Noruega em 1908. Em seguida foi ministro dos

estrangeiros no seu paiz, vindo para Portugal como embaixador em 14 de março de 1913.

A *Ilustração Fortueza*, sentindo o falecimento do sr. dr. Regis de Oliveira, apresenta as suas condolencias á viuva e filhos enlutados e á colonia brasileira residente em Portugal.



O automovel do falecido que acompanhou o cortejo, coberto de crepes

(Clichés Benoiel).



INVEJOSA

Eu conheço uma mulher,
Que, ao ouvir chamar formosa
A uma outra qualquer,
Fica zangada, nervosa,
E n'uma voz cavernosa,
Diz:—*que é mentira a seu vêr!*»

E, se a *beldade* em questão
Tem lindas faces rosadas,
Vem logo afirmar que são
Com qualquer tinta pintadas,
Acrescentando:—*«Caiadas,
Bonitas todas serão!...»*

Caso tenha loira trança
Muito farta e ondeada:
—*«Frisa o cabelo, afiança,
E com agua oxigenada,
Põe-se assim loira, coitada,
Um marido a vêr se alcança!...»*

Se tiver braços roliços
Largos flancos, grandes seios,
—*«Anda cheia de postigos!...
Almofadas e recheios*

*Baniram os corpos feios,
Que afugentavam derrickos!...»*

E' mimosa, delgadinha,
Elegante qual gazela?
—*«Bonita?!... Que lambidinha,
Pobrezita magrizela,
Face de cera amarela,
Aquela tem só a espinha!»*

—E os olhos?! que formosura,
Atalho então com desdem,
Acha acaso que a pintura
Andou na iris também?!...
Veja lá, repare bem,
Se isso afirma, se tal jura!...

—*«E julga talvez que não?!...
Ha um remedio moderno,
Cujas gotas logo dão
Aos olhos um brilho terno;
E aquele negro externo
E' todo feito a carvão!»*

E sempre a caluniar,
A desfazer formosuras,

Ficaes, senhora, a pensar,
Ter banido ás creaturas
As linhas reaes e puras
D'uma beleza sem par!...

Mas só a vós apoucaes
Com vossas frases maldosas!
Tal qual as almas banaes,
Ou perversas, invejosas,
Quando dizem mal, raivosas,
D'aquelas que valem mais!

Pois, se o que é belo afinal,
Não sucumbe acs golpes vis
Da vossa sanha mortal,
Ou d'esses desdens pueris,
Que em verdade não sentis!...
Convencei-vos que é real!

Só pôde amar a Beleza
Uma alma superior,
Que veja n'ela a grandeza
D'uma obra de va or,
Feita com arte e amor
Pela artista:—*Natureza!*

O Velho Mundo em guerra

Os imperios centreaes rejubilam com a rendição do Montenegro, mas as ultimas noticias não confirmam esse ato a que eles teem querido dar um aspeto passivo e humilhante. Sem duvida que as nações pequenas, envolvidas no conflito, estão cançadas e exgotadas dos melhores dos seus recursos, sentindo por vezes algum desalento. E' uma d'estas crises moraes que o Montenegro atravessa e que julgaram fazer vergal-o perante o peso das circunstances excepcionaes que de todos os lados o apertam.

Não se sabe ao certo as condi-



ções de resistencia que o Montenegro ainda oferece, mas não ha razão alguma para exprobar ao rei Nicolau um ato de menos lealdade para com as nações aliadas. Venha embora, porém, a succumbir esse valente povo, nem mesmo para a questão balkanica o caso pode ter qualquer coisa de decisivo, quanto mais para o desfecho do grande conflito que necessariamente ha de acabar pela vitoria da liberdade e da civilização. Também tiveram a Russia como desistindo, e ela voltou á carga com incontestavel bravura.



1. O rei Nicolau de Montenegro depois de um dos desastres das suas tropas,

2. Nos campos do Montenegro.—Depois de uma batalha.

(Clichés Miroir).



Em Lion.—Regresso da Alemanha dos soldados francezes mais gravemente feridos.



Na Champagne depois da ofensiva alemã.—Prisioneiros alemães feridos levados para as enfermarias ambulantes francezas.

(Clchés Branger).



Albania contra a Austria.—Chefes de tribus albanezas, partidarios de Essad-Pachá, reunidos em volta do estandarte albanez no dia da declaração da guerra á Austria.

(Cliché Branger).



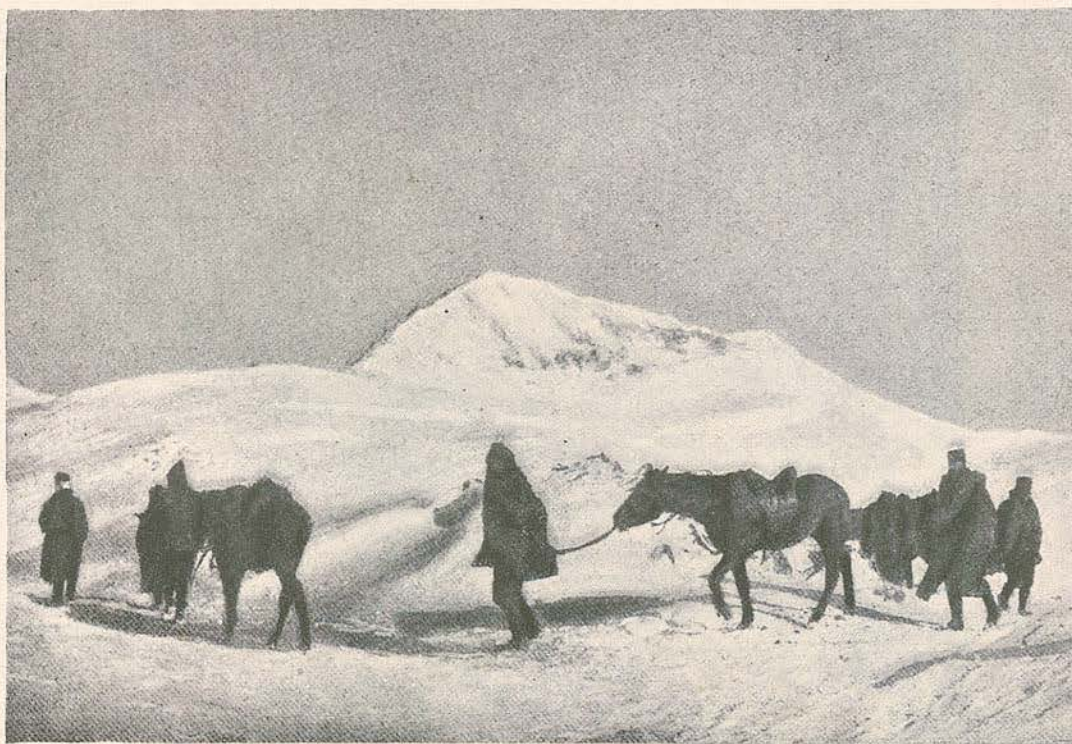
Navios bloqueados pelos gelos no porto de Arkhanger



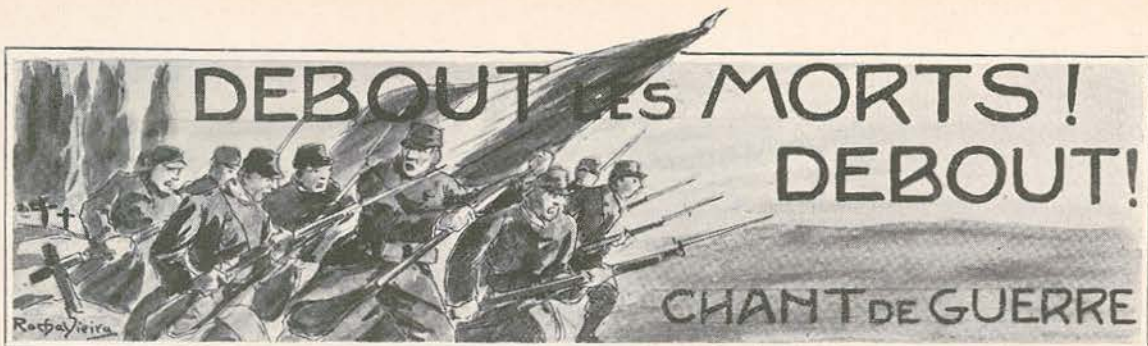
Um bom equipamento e um bom... café.



Fases da retirada do segundo exercito da fronteira bulgara para o Montenegro: Atravessando as montanhas da Albania. A passagem do Rougovo.



No cume da montanha Tchakor: Antes da descida a Andrijevitsa
(Fot. da *Ilustração Francesa*).



Letra de MAURICE MARIAGE

Musica de JEAN PAUL MARIAGE (op. 24).

Large

allegro

allegro

allegro

mp

mp

mp

Bout à coup dans la nuit un cri

p

mp

allegro

allegro

- s'est fait en - ten - dre : De bout les morts!

mp

allegro

Comme un feu ven - geur qui cou - vrait sous la cen dre les blessés, les mor -

rants imis - sant lurs ef forts, ont re fait le bo hémisme - lants! —

De bout les morts! De bout! Vi -

voy et my - ex tri - om - phants!

M. Mariage

10 mai 1915
reproduction, traduction, arrangement
rigoureusement interdits!

P. Mariage

Devido á amabilidade, que muito agradecemos, do ilustre compositor francez mr. Paul Mariage, a *Ilustração Portuguesa* tem a primazia da publicação d'este vibrante cantico de guerra, ainda inedito em França, o que mais apreciada torna a deferencia que nos é dispensada.



A CONQUISTA DE LISBOA dos "QUADROS DA HISTORIA DE PORTUGAL"

POR CHAGAS FRANCO E JOÃO SOARES

Por especial gentileza dos autores e do editor sr. Paulo Guedes, oferecemos hoje aos nossos leitores a reprodução, executada nas nossas oficinas, de uma das maravilhosas aguarelas de Roque Gameiro para esta encantadora obra a que a imprensa diária se têm referido com tanto aplauso e que deve ser posta á venda muito em breve.



EM PARIS

1. A partida da classe 17.^a para a *gare* do Montparnasse.
2. Manifestações á partida do comboio.

(Clichés Branger).



Albania. — Passagem de um vau no Drina.

A Servia. — O exodo dos servios do seu desditoso paiz é um dos factos mais comovedores da actual guerra. O que toda essa gente lutou contra o poderio esmagador da Austria e da Alemanha, ultimamente reforçadas pela Bulgaria, ficará na historia como um dos capitulos mais gloriosos da defeza das nações pequenas contra a absorpção despoti-



Em Artois (Cabana de Forestier):—A rendição da sentinela de um pequeno posto na orla da Bresta (Cliché Branger).



Servia. — Uma cena do exodo dos servios.

ca das grandes.

Mas a Servia não é dos povos que succumbem só porque hordas armadas lhes talaram o territorio e os obrigaram a procurar refugio momentaneo n'outro paiz hospitaleiro. Os servios hão de outra vez voltar ao ataque, refeitos de forças e senhores da sua grande coragem. E a desforra deve ser valente.



O REI PEDRO I DA SERVIA

A ODISSEIA D'UM INFELIZ REI

O seu exílio em Italia
O palacio real de Caserta

No palacio real de Caserta estão-se preparando ativamente diversos aposentos, que, segundo se propala, são destinados a hospedar o infeliz rei Pedro I da Servia, durante alguns mezes do seu forçado exílio.

O palacio real de Caserta—se as noticias divulgadas na imprensa italiana são verdadei-

ras, como parece—alojará, depois do seu regresso de Salonica, onde pouco se demorará, o desventurado monarca. O rei Pedro I, velho e doente, precisa absolutamente de fazer uma longa e cuidadosa cura de repouso. O seu fisico está profundamente abalado e o seu moral abatidissimo, não obstante a sua rara e bem provada energia.

ras, como parece—alojará, depois do seu regresso de Salonica, onde pouco se demorará, o desventurado monarca. O rei Pedro I, velho e doente, precisa absolutamente de fazer uma longa e cuidadosa cura de repouso. O seu fisico está profundamente abalado e o seu moral abatidissimo, não obstante a sua rara e bem provada energia.

suas casas depois de vencido, ou antes assassinado, pela barbara invasão d'aqueles seus implacaveis inimigos. O palacio real de Caserta, um dos mais belos e magnificentes que conta a Italia do XVIII seculo, foi mandado construir, n'um simpatico gesto perdulario, em 1754, por Carlos III, um Bourbon, sob inspirados desenhos de Luiz Vanvitelli, celbre arquiteto italiano. O imponente edificio, que reveste a fôrma retangular, propria do seu estilo, que é puro Renascen-



Quarto de dormir do palacio real de Caserta, que será provavelmente reservado para o rei da Servia durante o seu forçado exílio



O rei Pedro I da Servia



Um detalhe da frontaria do magnifico palacio real de Caserta



Drana com as suas ninfas, celebre grupo allegorico da grande Cascata

O clima de Caserta muito saudavel e temperado, quer no verão quer no inverno, na opinião dos medicos que

teto italiano. O imponente edificio, que reveste a fôrma retangular, propria do seu estilo, que é puro Renascen-



Vista geral do palacio real de Caserta

ça, tem, externamente, aquela côr avermelhada que Vanvitelli tanto preferia e caracteriza numerosas obras que ele deixou a revelarem o seu poderoso e fecundo engenho artistico.

Para dar aos leitores da *Ilustração Portuguesa* uma idéa rapida, mas aproximada, de tão vasto e imponente edificio, convém resgistar, desde já, este interessante pormenor: a sua enorme fachada, que olha ao meio dia, tem 253 metros de comprimento, e repartidas por tres andares 240 janelas! O Palacio real de Caserta, estabelecidas as respectivas diferenças, recorda aos portuguezes, tão grande ele é, o palacio de Mafra. E' constituído, por assim dizer, por quatro palacios distintos, mas reunidos, externa e internamente, uns aos outros. Cada um d'estes quatro soberbos palacios ou corpos d'edificio tem, anexo, um espaço-parque, cuja superficie excede 4:000 metros.

O vestibulo principal do Palacio, que fórma um octogono, é muito elegante e magestoso. Sustentado por 64 magnificas colunas de *marmore siciliano*, massiças e d'uma côr nobre e delicadissima, pois oscila entre o cinzento e o encarnado, oferece uma perspectiva surpreendente. E' n'este vestibulo que se inicia a chamada *escada d'honra*, admiravelmente lançada. Os seus 116 degraus são inteiri-

um rico bric-à-brac e um mobiliario d'estilo, muito luxuoso e antigo. Custosas tapessarias, nacionaes e estrangeiras, cobrem os pavimentos.

Os melhores salões do Palacio real de Caserta são os vulgarmente denominados «dos Alabardeiros», onde sobresaem uns frescos admiraveis e o «das Guardas», este notavel, principalmente, por doze baixos-relevos, que representam as doze provincias do antigo reino das Duas Sicilias. Estes baixos relevos atraem sempre, curiosamente, as pessoas que os observam e estudam nos seus detalhes.

A capela do Palacio abunda em preciosos marmores de côres varias e é muito afamada pelas magnificas douraduras que enquadram pinturas do mais elevado merecimento artistico.

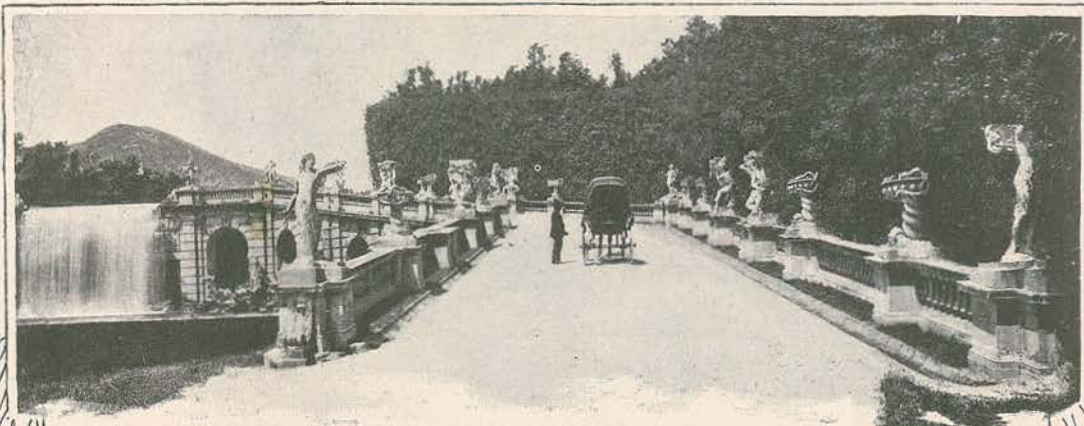
E' digna ainda de citar-se a «Sala do tronon», muito elegante e cujas pinturas são das consagradas palhetas de Maldarelli e de Gaetano Genovese. E' lá onde se encontra a famosa *Pre-*

sentazioni al Tempio, de Mengs.

No Palacio real de Caserta existe ainda um teatrinho, muito elegante e em logar indelevelmente marcado na historia da literatura dramatica italiana, porque foi no seu palco, estreito e aristocratico, que outr'ora subiram á cena, pela primeira vez, as peças



Interior da bela capela do palacio



Terraço e avenida lateral da grande Cascata

riços e trabalhados em *marmore de Trapani*, muito bonito, solido e lustroso.

Os *aposentos reaes* constam de diversos salões, preciosamente decorados nas paredes e nos tetos, onde, com refinado gosto artistico, se acumulam

hoje classicas de Paisiello, Pergolesi, Cimarosa e Tarantino e os melodramas inspirados na poesia do imortal Metastasio.

O Parque e o «Jardim Inglez», que ficam contiguos ao Palacio e que, em grande parte, o circundam, são

enormes e tem frondosos e aprazíveis bosques povoados de arvores seculares e arbustos que a caprichosa flora de todo o mundo forneceu. O Parque acha-se adornado com estatuas, lagos, fontes e monumentos, maravilhosas manifestações de um refinado gosto artistico e da opulencia, quasi fabulosa, dos tempos idos.

D'entre todos esses monumentos sobressae, porém, uma enorme Cascata, a mais surpreendente que se encontra nas tão afamadas vilas italianas, quer grupos de estatuas em marmore— *O banho de Diana*, *O espelho de Venus*, *Os Delfins* etc., que a compõem e alindam, quer pelos complicados jogos de agua, que descem por ela abaixo e veem, depois de se quebrarem, formando muitos espelhos d'agua transparente, precipitar-se rumorosamente n'um grande e rendilhado lago artificial. A Cascata, que se inicia n'um outeiro visinho, situado na parte mais alta do Parque, divide este ao meio e, em seguida, ramifica-se em inensas direções, o que, aliás, mostram algumas das gravuras que acompanham este despretencioso artigo.

O Palacio real de Caserta é, pois, sob todos os aspectos por que o encaremos, uma vivenda digna de receber o rei da Servia e recommenda-se ainda pela amenidade do seu clima privilegiado, quasi sem rival.

Como no Palacio ainda não ha muito habitaram, com demora, Vitor Manuel III e a sua augusta familia, não faltam lá os mais modernos confortos: iluminação electrica, aquecimento, ascensores, etc.

O infeliz rei Pedro da Servia e o seu reduzido sequito não de sentir-se, seguramente, muito bem no magnifico palacio que o rei Vitor Manuel III, com grande e intima satisfação sua, com o entusiastico assentimento do seu governo e o fervoroso aplauso de todo o generoso povo italiano, re-



Acteon assaltado pelos cães, celebre grupo allegorico da grande Cascata

bolisa.

Embora os jornaes italianos inserissem uma nota da *Stefani*, com caracter officioso, declarando sem fundamento a noticia espalhada de que o rei da Servia vem a caminho da Italia, em direção a Caserta, nos circulos politicos me hor informados insiste-se sempre em asseverar que a noticia é *simplesmente prematura*...

A Italia recebendo condignamente o desventurado rei Pedro, não só pratica um ato generoso, mas — o que é mais — evidencia, de novo, solenemente, a sua reprovação pela abominavel conduta dos imperios contraes, que não hesitaram em quasi exterminar um povo inteiro, honesto e laborioso, só porque ele ousou erguer-se, em nome da Justiça e do Direito, altivamente, contra a tradicional tirania dos Absburgos e não se humilhou, perante as suas torpes maquinações, sem derramar a ultima gota do seu sangue e sem fazer pagar caro a sua gloriosa derrota!

A attitude da Italia para com a Servia, n'este transe dolorosissimo, é digna, pois, de ficar registada, embora modestamente, nas colunas da *Ilustração Portuguesa*.

E' o que nos move a render-lhe hoje, n'este despretencioso artigo, a nossa homenagem e a consagrar-lhe estas poucas palavras, que só valem pelasinceridade com que as escrevemos.

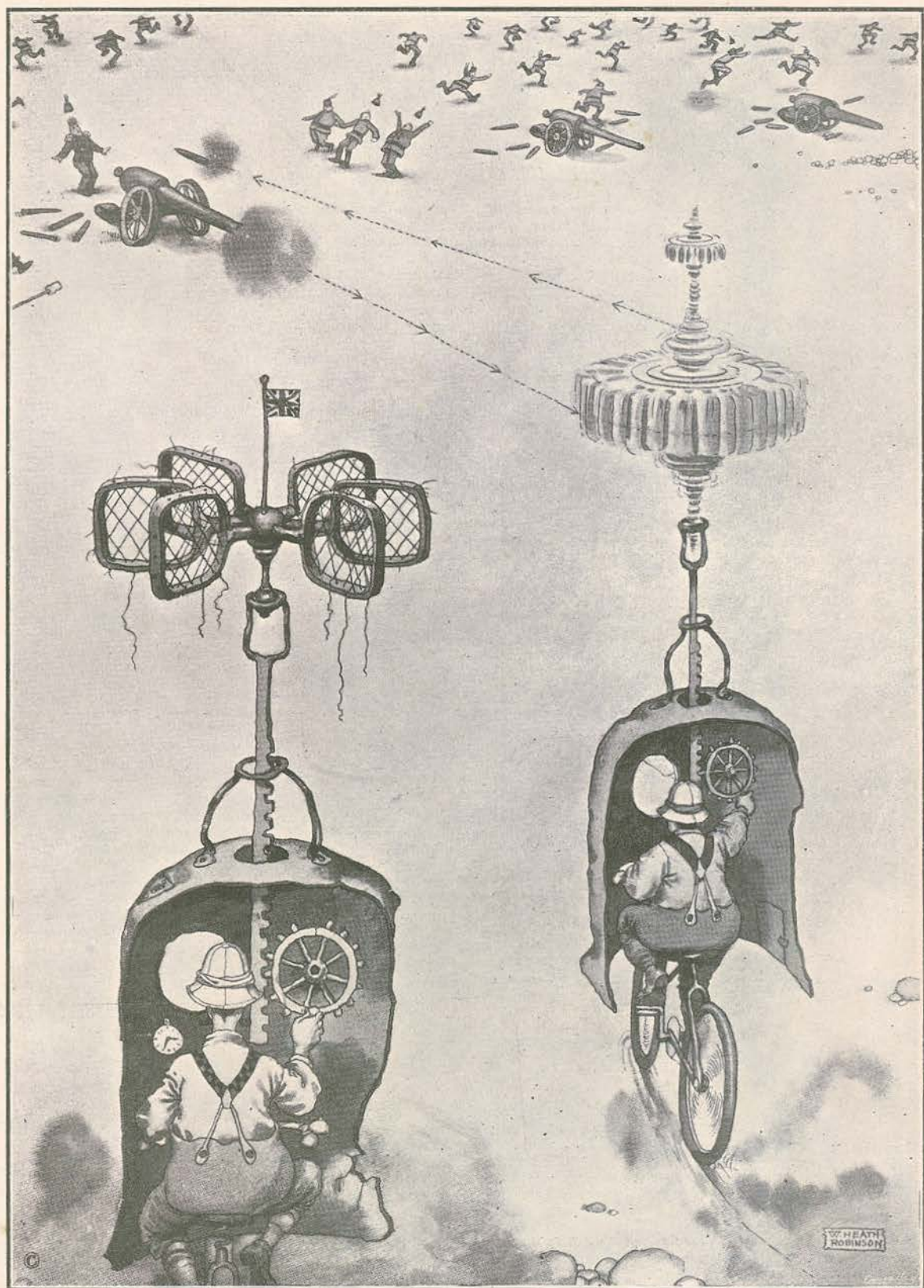
Roma, 5 de janeiro de 1916.

E. Garcia



Um dos marovifhosos jogos de agua da grande Cascata

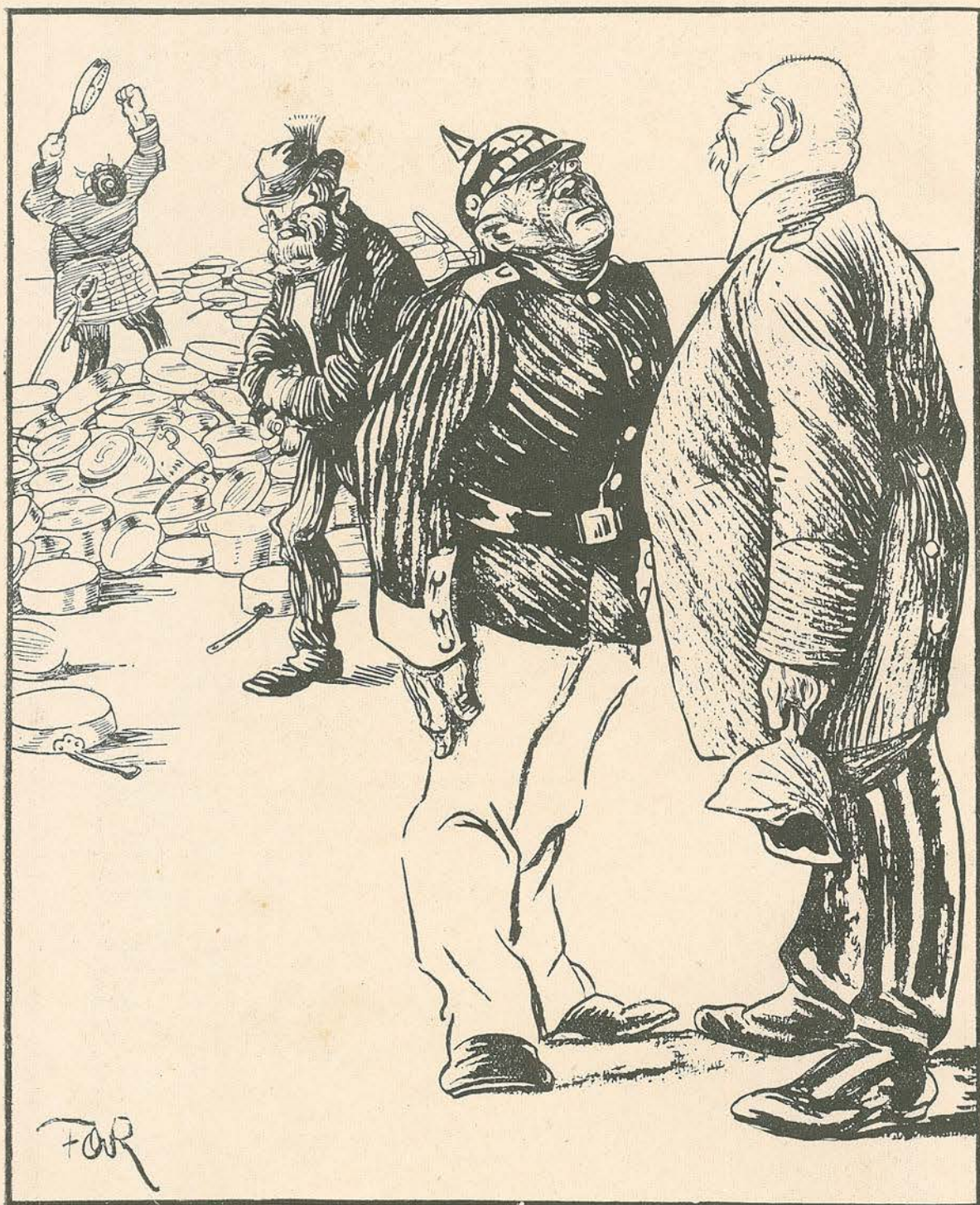
Regeitado pelo tribunal das invenções



Em Galipoli: — Fantastico e pitoresco aparelho para desviar o fogo inimigo

(The Sketch).

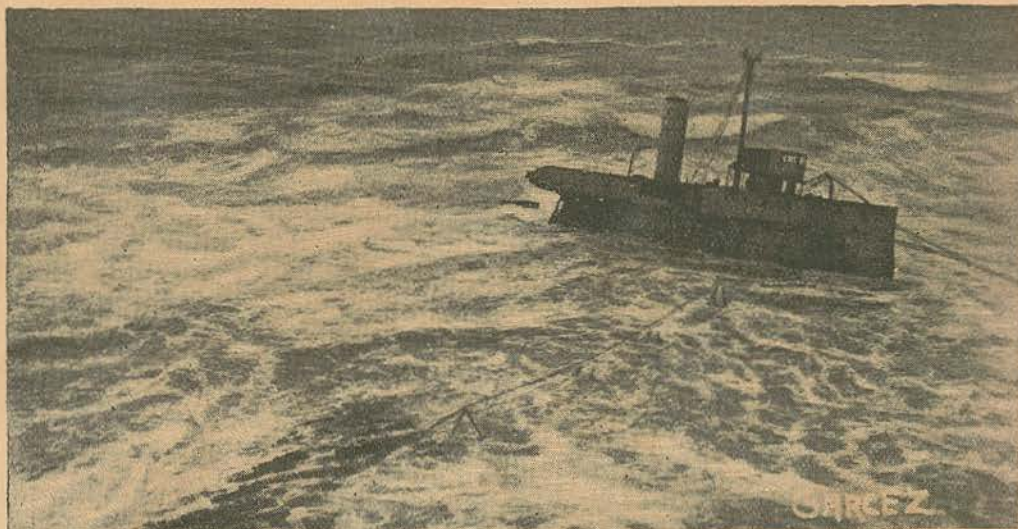
FALTA DE COBRE NA ALEMANHA



— Meu major, este homem recusa-se a entregar a panela da esposa para o triunfo e gloria do imperio.

(The Bystander).

Acaba de desaparecer o REPUBLICA



O mar acabou de encobrir o cruzador *Republica*, que tinha dado à costa nas proximidades de Peniche. Todos os seus maquinismos, instrumentos de bordo, mobiliário, enfim tudo o que podia ser removido se salvou, ficando apenas o casco, que o mar acaba



bou por tragar.

Foi arduo o trabalho de salvamento; mas foi tão acertada a sua direção, que o Estado ainda pôde aproveitar uma grandíssima parte do material do *Republica* para a construção de outros navios que tenha de mandar construir no nosso Arsenal.



1. O *Republica* reduzido a metade.—2. O mar galgando a tolda do *Republica*.—3. Completo esfacelamento do *Republica*.
(Clichés Garcez).

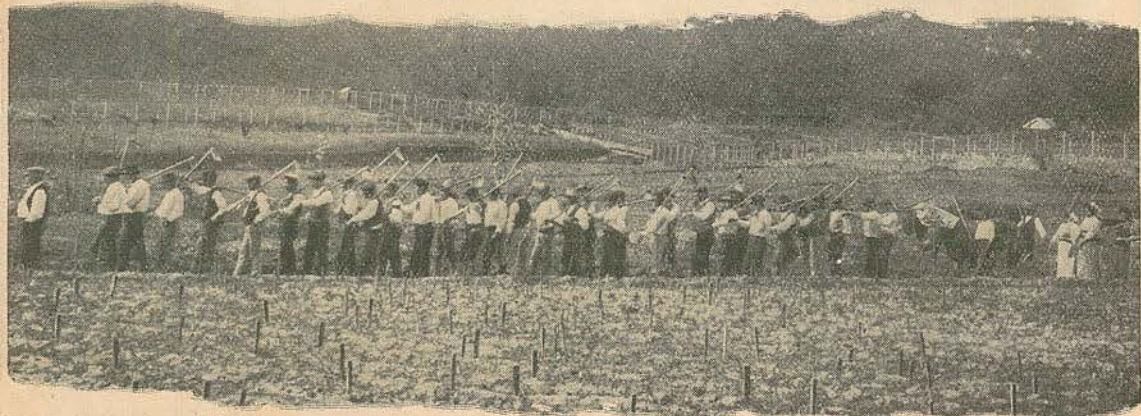
Arborisação em Portugal



E' notavel o desenvolvimeto que nos ultimos anos tem tomado a arborisação em Portugal, devido não só a uma propaganda fervorosa como a iniciativa intelligente e arrojada de alguns horticultores. A' frente d'essa propaganda destaca-se o *Seculo Agricola*, com o seu entusiasmo, com os seus conselhos e a edificante exemplificação feita com a sua festa annual da arvore, que este ano promete adquirir um esplendor excepcional. Como exemplo de quanto tem contribuido a ini-

cionar os srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos, do Porto, cujas exposições por todo o paiz tem sido muito admiradas, principalmente as que se fizeram no salão da *Ilustração Portuguesa*, a titulo puro de propaganda nacional.

Os srs. Moreira da Silva exploram vastas quintas, d'onde todos os anos saem milhares e milhares de arvores das mais apuradas, assim como flores e plantas de ornamentação. A sua quinta do Perosinho, nos Carvalhos, não tem



Quinta do Perosinho (Carvalhos):—1. Sachando um campo com setenta mil roseiras; ao fundo a serra de Carvalhos, de onde se extrae a celebre pedra com aquele nome.—2. Operarios enertando macieiras — 3. Depois do descanso. A ida do pessoal para o trabalho

ciativa particular, a troco de muito trabalho e até de sacrificios ainda não compensados, é de justiça men-

nada que invejar ás mais famosas installações congêneres que existem no estrangeiro.

FIGURAS E FACTOS



Pintura de paisagem.— No Salão Bobone, á rua Serpa Pinto, realizou o sr. Frederico Aires, intelligente pintor paizagista, uma exposiçõ de quadros seus que foram muitissimo apreciados pelas pessoas que ali estiveram, entre as quaes se conta o sr. presidente da Republica.



1. *Caminho da Salina*, (Santarem).—(Cliché Benoliel).—2. O pintor sr. Frederico Aires.—3. *Trecho do Minho*, (Arcos).—2. *Manhã no Atviela*.—(Cliché Benoliel).



Maria do Barreiro

Mulher de coragem.— Em Coimbraõ já ha muito que as copoeiras eram assaltadas, o que trazia em sobresalto os donos da creação. O larapio era um velho raposo que procurava a noite para melhor realisar a sua empreza. Na noite de Natal, porém, foi apanhado em flagrante por Maria do Barreiro, uma pobre mulher viuva, que lutou heroicamente com o animal, vencendo-o por fim e levando-o para sua casa onde fez exposiçõ da sua presa, pelo que foi muito louvada pela populaçõ.

Simões Coelho.— A bordo do «Aidan» partiu para o Pará o nosso amigo e colega sr. J. Simões Coelho, agente comercial do governo portuguez na America do Sul e representante do «Seculo» e da «Illustração Portugueza». Ao posto de



desinfeção, além de sua familia, foram muitas pessoas despedir-se do nosso amigo, entre as quaes membros de varias corporações que ele vae representar na republica brazileira e que ali teem bastantes interesses.



O sr. José Simões Coelho e algumas pessoas que d'ele se foram despedir ao posto de desinfeção.—(Cliché Benoliel).



1. O sr. Alexandre do Amaral Abreu Menezes, proprietário em Vila Mendô de Tavares (Beira Alta), onde faleceu.—2. O sr. João Maria Santos, falecido em Carcavelos, onde era proprietário.—3. O sr. Gilberto Gomes Vargas, filho do antigo professor de piano e órgão sr. J. H. Vargas Junir, falecido em Lisboa. Fôra antigo encarregado da secção chavadista do «Seculo Comico».—4. O sr. Manuel Corrêa Alves, professor, falecido em Macinhata de Seixu.—5. Angel Sario, o unico irmão varô do papa Pio X, falecido em La Grazia, povoação proxima de Mantua.—6. O sr. Antonio Portela Cabral, secretario de finanças, falecido em Odemira.—7. O sr. J. B. de Lemos de Figueiredo, fun-

cionario da secretaria do Licen Passos Manuel, falecido em Lisboa.—8. O sr. José Jorge Rodrigues, prof. sor official em Alhos Vedros, onde faleceu.—9. O sr. José Augusto Pereira Corrêa, falecido em Portel, onde era escrivão de direito.—10 O sr. João Guimarães, pae do antigo ministro das finanças sr. Vitorino Guimarães, falecido em Provezende, onde era muito estimado.—11. O sr. Antonio Teixeira de Figueiredo, diretor das companhias de Lanificio de Alenquer e Penificação a Vapor de Moagem do Barreiro, falecido em Lisboa.—12. O sr. José Antonio Pereira, proprietario em Reguengo Grande, onde faleceu.



O sr. Bartolomeu Constantino

Faleceu em Lisboa, onde causou profundo sentimento no meio associativo, o conhecido propagandista operario sr. Bartolomeu Constantino, que tantos e relevantes serviços prestou ás classes proletarias.

Joaquim de Oliveira Palma. — Este nosso compatriota, alistado como voluntario no exerocito francez, foi por duas vezes ferido nos campos de batalha, sendo condecorado pelo seu valor com a cruz de guerra e medalha militar.

Restabelecido dos ferimentos que recebeu foi a seu pedido enviado para a frente da batalha da



O sr. Joquim d'Oliveira Palma

Servia, onde foi atingido por uma bala que o matou.

Oliveira Palma era natural de Setubal.

O governo francez resolveu estabelecer a pensão de sangue á familia do desditoso e destemido portuguez que, nos campos da batalha, soube honrar a sua patria.

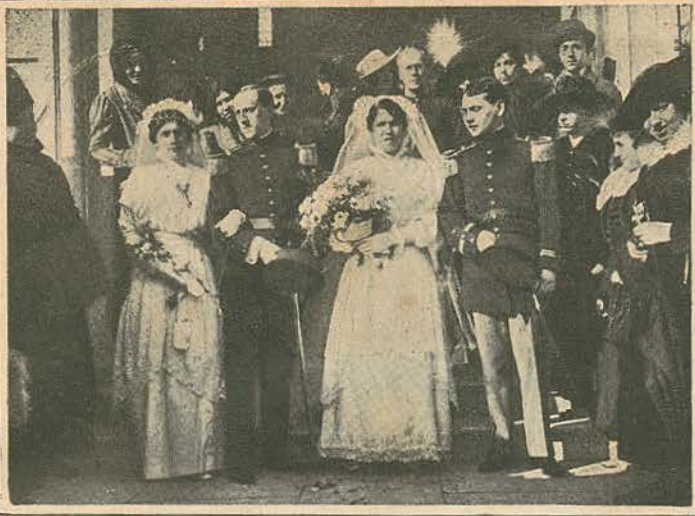


O sr. dr. Guido Puccelli

Este notavel medico e sabio italiano, que esteve em Lisboa quando aqui se realizou o congresso medico, faleceu em Roma, onde era muito considerado pelo seu muito saber. Era deputado pelo ciculo de Roma.



O sr. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica, e o sr. dr. Afonso Costa, chefe do governo, visitaram o Cegos Branco Rodrigues, elogiando este illustre diretor e benemerito professor pela excelente organização pedagogica e administrativa de um Instituto que tão humanitarios serviços tem prestado e que é, por assim dizer, o verdadeiro padrão do ensino dos cegos em Portugal. (Clutch Benoliel).



Na igreja de Santa Isabel realisaram-se os enlacs matrimoniaes do sr. Alvaro Alberto Maia de Carvalho com a sr.^a D. Maria Eugenia Ferreira May e do sr. Afonso Carlos Ferreira May, com a sr.^a D. Adelia Gomes Moreira. (Cliché Benollet).



Tambem se consorciaram o sr. Vitor Martins Rebelo com a sr.^a D. Judit Adelaide Ganhado. (Cliché Garcez).

"A Lenda Infantista."—O illustre escritor sr. João da Rocha publicou em uma edição de 20 exemplares apenas um belo livro em que insere os mais curiosos documentos acerca da historia das nossas descobertas gloriosas.



O sr. João da Rocha

tas maritimas, de que foi grande propulsor o notavel infante D. Henrique. E' uma obra digna de ser consultada pelos estudiosos que queiram conhecer o nosso passado glorioso.

Paulette Garot.—E' uma violinista muito distinta, primeiro premio do Conservatorio de Paris, que se apresentou n'um concerto *matinée* no Salão Foz e que foi muitissimo aplaudida pela maneira escrupulosa.



Paulette Garot

como interpretou as *Arias Boheemias*, de Sarasate. A disinta artista far-se-ha ouvir em novos concertos que a empresa d'aquela casa de espetaculos está organisando com todo o



Bombeiros voluntarios de salvacao publica de Vila Real, com o seu oomandante + sr. Manuel Moraes Serrão no dia do 19.º aniversario d'esta coletividade.—(Fotografia oferecida pelo sr. Antonio Vieira Claro).

PESCA DO SAVEL

Quem, noite alta, vier Tejo acima n'estas noites serenas e estreladas ficará agradavelmente surpreendido com o espectáculo que se lhe depara na parte compreendida entre a Povia de Santa Iria e a Vala da Azambuja, mórmente em frente de Vila Franca. O Tejo apresenta-se coalhado de lanternas com pequenas luzes de azeite, sementeas aqui e acolá sobre boias de barro e cortiça, das redes lançadas ao rio. Perto, vão deslisando mansamente, ao sabor das correntes, barquinhos a dois remos, com dois tripulantes atentos ás redes. Se algum barco á vela vae passando despercebido por logar onde elas estejam postadas, logo das bateiras, que é o nome dos barquinhos, lhe gritam: «Levanta o leme»; não sendo ouvido o grito ou sendo desprezado, as redes danificadas e rompidas, chove das bateiras uma praga de imprecações: «Maldiçoados, raios os suertam, oh canalha» e volta logo o rio ao mesmo socego e modorra. E' assim a pesca do savel em Vila Franca, Alhandra e Carregado.

De todas as fórmias de pesca do savel a mais interessante é, sem duvida, a praticada á entrada da Vala da Azambuja, na baixa-mar, quando estão a descoberto os «cabeços», grandes bancos de areia. E' a chamada «pesca á varina».

No mez de março de cada ano formam-se duas a tres sociedades, chamadas as «companhas», em volta das quaes se agrupam cerca de 100 pescadores. As redes são enormes, de malha larga, só para peixe graúdo, tendo ao centro o sacco onde o savel se vae acoitando, quando do arrasto. A pesca faz-se só na baixa-mar.

Quando a areia começa a aparecer, espetam no meio do areal duas «fateixas», especie de ancoras, em ferro, com tres grandes dentes, a que estão ligadas as redes. Lançadas elas ao rio, a parte inferior vae ao fundo com o peso dos «pandulhos», rodelas de barro fabricadas pelo Zé Oleiro de Vila Franca que vão «entra-



1. O barco da enviada.— 2. Puxando as redes com as requexas



Dois bons saveis



Comendo

lhadas», nas redes, isto é, ligadas a elas por um cordel atravessado ao centro. Começa então o arrasto. Todos os pescadores armados de «requeixas», especie de silhas em volta do peito, onde em ganchos de ferro se prende a corda da parte superior das redes, vão-nas trazendo para o areal em enorme gritaria. Ao centro o arraes, vigilante, vae dando as suas ordens entre pragas, a voz possante, para se fazer ouvir de toda a companhia. Logo que aparece o sacco onde está acoitado o savel, parte dos pescadores, arraes á frente, para lá se dirigem. O savel vae sendo tirado e arremessado para o largo, para o meio do areal.

Se o «lanço» foi bom, o sacco a extravazar de peixe, é curioso de vêr-se o enorme conten-

disparatadas manifestações da sua alegria. Se ao contrario o lanço foi mau, a sua tristeza redunda em pragas á avareza do mar e em imprecações á sua triste sorte.

Emquanto o savel pescado se contorce nos ultimos arrancos da vida, são lançadas ao rio as redes de outra companhia e os primeiros pescadores almoçam. Bem fragil é a refeição dos pobres homens, comida em pé ou deitados na areia: em geral umas lascas de bacalhau, cru ou assado, com um naco de pão de milho.

Do areal é o savel conduzido para as bateiras, á espera que o «barco da enviada», enorme barco á vela, o conduza para Lisboa, a vintem o peixe.

Terminada a tarefa, dirigem-se os pesca-



Emquanto uns pescam descançam os outros

tamento de todos os pobres pescadores. Formam circulo em volta dos saveis amontoados, ainda meio vivos, e dançam, cantam, bailam, entregando-se ás mais

dores para o «Tio Gorin», taberna flutuante que funciona n'um barco, em cima do valado, á sombra das arvores.



gatos. Em época de pesca dormem os pescadores em barco, vindo só a terra de 15 em 15 dias ao «enxugue», que assim chamam á lavagem e arremendo das redes. Tem costumes característicos e por vezes originaes, muito diferentes dos d'esta região. Além dos pescadores que permanentemente vivem aqui, alguns com um bom peculio com que vão arranjanço rasoavel pa-

Todo o savel vendido em Lisboa é pescado aqui, advindo grande riqueza a esta região da sua pesca. Ha 4 anos no «barco da enviada» foram transportados para Lisboa 90.000. Nos ultimos 3 anos em que a «safra» (assim se chama a pescaria) foi menos abundante, devido ás constantes cheias do Tejo, teve uma media de 35 a 40.000 peixes.

Os pescadores não são filhos d'esta região do Ribatejo. Veem de Aveiro, Estarreja e Ovar e são conhecidos pela designação generica de «varinos». Tem um bairro quasi exclusivamente seu em Vila Franca, na comprida rua do Alegrete. Vivem em promiscuidade, familias varias na mesma casa, homens com mulheres, paes com filhos, cães com



trimonio para os filhos, todos os anos em fevereiro veem ranchos de Ovar e Estarreja, demorando-se até fins de maio, quando o savel começa a rarear. A' despedida, os que ficam acompanham os patricios á estação, umas vezes fartos e contentes, outras desiludidos, com esperança só em anos futuros mais felizes.

Pedro de Navarra

